**O CÉU E AS TRADIÇÕES**

**preservar o céu dos nossos avós**

*O conhecimento popular do céu que desfila sobre as nossas cabeças tem uma história longa, muito rica e valiosa. Atravessou milénios e merece ser preservada. Os nomes e delimitações científicas das constelações seguem agora critérios adoptados pela União Astronómica Internacional (IAU), definitivamente aceites em 1930*.

**A longa noite dos tempos e o céu utilitário**

A visão maravilhosa do céu nocturno fascinou os povos de diferentes partes do mundo, que procuraram encontrar alguma ordem e regularidade na abóbada celeste. Esse conhecimento revelou-se essencial para a sua sobrevivência. As migrações requeriam a orientação pelo céu, em terra ou no mar, para a escolha do rumo correcto a seguir. A agricultura carecia de marcadores naturais da passagem do tempo e das estações do ano, de modo a determinar as épocas próprias para semear e para colher. As celebrações religiosas exigiam a interpretação de fenómenos ou a marcação de datas para colher os favores dos deuses. Era pois necessário conhecer o céu para ter sucesso num mundo exigente e por vezes severo.

Fora da ciência oficial de cada época, os diferentes povos criaram as suas próprias *interpretações alternativas* do céu nocturno. Sentiam o firmamento próximo dos seus interesses e das suas vidas: temiam-no e admiravam-no. Assim, em diferentes lugares surgiram outras tantas interpretações para uso prático do céu nocturno. Pastores e viajantes, agricultores e aventureiros, camponeses, navegadores, caçadores e sacerdotes reuniram, à sua maneira, conhecimentos práticos que os ajudavam no dia-a-dia. Essas formas de saber foram-se transmitindo por tradição oral e chegaram aos nossos tempos. Nomes populares como "Estrela Boieira", "Sete-estrelo", "Estrela do Pastor", "Cajado", "Cabritos", "Três-marias", etc., são fruto dessa necessidade de dar um sentido utilitário firmamento. No céu dos nossos avós viam-se milhares de estrelas de cores múltiplas e brilhos diversos, numa quantidade que parecia não ter fim, além das cinco "estrelas errantes" (os planetas visíveis a olho nu).

A poluição luminosa das vilas e cidades retirou ao céu nocturno a beleza e imponência dos velhos tempos. Em larga medida, essa destruição do céu nocturno deve-se à iluminação mal concebida ou mal instalada que frequentemente lança luz para cima, em vez de a dirigir para onde ela faz falta: para o chão que pisamos.

O céu que agora podemos ver das vilas e cidades não passa de uma pálida caricatura do que se observava há poucas décadas: dificilmente se poderão ver mais do que algumas dezenas de estrelas, mostrando brilhos esbatidos e tímidos, num céu acinzentado, apoucando um espectáculo que outrora foi glorioso. Felizmente, de algumas aldeias de Portugal *ainda* se pode contemplar um céu grandioso, constituindo um inegável património da humanidade. Há que preservá-lo.

**Necessidade de preservação cultural**

Os jovens de hoje distanciaram-se das estrelas. Quase não as vêem e seguramente já não as conhecem como os seus avós. No entanto, algumas pessoas idosas que ainda vivem nas aldeias remotas de Portugal (e de outros países, é claro) *ainda* conhecem as estrelas à sua maneira: aprenderam com os seus avós a identificar umas poucas por meio de nomes populares, assim como algumas "constelações alternativas" para uso utilitário, e sabem servir-se delas. Estes são os últimos detentores desse saber prático milenar, pois os seus filhos e netos já não querem saber disso para nada. Há que recolher e preservar urgentemente esse conhecimento empírico muito curioso e interessante. Mas temos de nos apressar, pois o tempo passa rápido. Essas pessoas estão a desaparecer e os seus descendentes já nada nos podem contar.

É essencial que essa partilha de informação e colheita de depoimentos se faça perante o céu real, em diversas regiões do território português e em diferentes épocas do ano, de modo a colher e registar o conhecimento popular de múltiplas regiões de Portugal e de diferentes partes do céu. No entanto, é preciso que as pessoas que realizem esse trabalho de campo tenham conhecimentos fundamentais de Astronomia, para poderem interpretar e cruzar conhecimentos, estabelecendo comparações válidas e claras entre os nomes e conceitos populares e os seus equivalentes na terminologia moderna. Só assim se poderá preservar esse importante património cultural em acelerada extinção. Esperemos que muitos passos venham a ser dados para a preservação de um conjunto valioso e consistente de tradições, cuja origem e antiguidade se perdem na escuridão dos tempos. O desafio está lançado.

**Guilherme de Almeida**

Ciência na Imprensa Regional – Ciência Viva

**Para identificar estrelas e constelações, segundo a terminologia actual:**

Almeida, Guilherme de — "*O Céu nas Pontas dos Dedos"*, Plátano Editora, Lisboa, 2013.

Almeida, Guilherme de — "***Roteiro do Céu****"*, **5.ª edição,** Plátano Editora, Lisboa, 2010.

Legendas das Figuras

Fig 1 - Representação comparada da Ursa Maior, segundo Hevelius (1690), à esquerda, e de acordo com a caracterização actual. O traço ponteado indica a fronteira moderna desta constelação (Guilherme de Almeida, 1996).

Fig 2 - O céu estrelado sobre o santuário do Cabo Espichel, do início da Primavera. Fotografia de Miguel Claro (2010), [www.miguelclaro.com](http://www.miguelclaro.com/)